

Sete Círculos

Os Limites da Cidade

© Duarte Belo



8 de setembro

18h30 Apresentação do Projecto *Sete Círculos*, Eduardo Costa Pinto

18h40 *Os Passos em Volta*, José Sarmento de Matos

19h *A Circunvalação Dissolvida*, Gonçalo Byrne

19h20 *Sintaxe Urbana*, Francesc Muñoz

19h40 Debate (moderado por João Nunes)

15 de setembro

18h30 Apresentação do Projecto *Sete Círculos*, Pedro Campos Costa

18h40 *Circulando por Círculos Imperfeitos*, Mário Alves

19h *A voz de uma natureza domesticada e mais alguns artefactos*, Olivia Bina

19h20 *Sem limites: a metrópole híbrida*, Eduardo Brito-Henriques

19h40 Debate (moderado por Carlos Delgado Pinto)

*Por isso não trataremos aqui senão dos limites que no volver dos séculos tem apresentado a Cidade de Lisboa, da banda da terra.*¹

O espaço urbano transformou-se num espaço heterogéneo, sem limites físicos precisos, aterritorial, como diz Francesc Muñoz, ou desligado da sua própria geografia, como defende o arquiteto americano Michael Sorkin. Seja pela distância

de onde nos chegam os produtos que consumimos, seja pelo alcance dos nossos movimentos pendulares quotidianos, ou ainda pela velocidade de comunicação com o outro lado do mundo à distância de um *click*, no contexto contemporâneo, a escala e complexidade das nossas ações torna difícil a leitura e a perceção dos limites destes espaços. E com isso, perdemos «a noção de como a cidade é fruto de uma situação e está presa ao “em-torno” por feixes de tubos, fios, valas e caminhos por onde circulam os fluxos de matéria e energia que sustentam o metabolismo urbano.»²

Desenvolvendo-se ao longo de duas sessões, a conferência pretende questionar os limites da cidade contemporânea a partir de uma nova leitura sobre a paisagem e o território de Lisboa. Qual a ideia de centro? Onde está o limite entre espaço rural e espaço urbano? São algumas das questões que os autores do Projecto Sete Círculos, Pedro Campos Costa e Eduardo Costa Pinto, procuram investigar e colocar em diálogo, com a participação dos oradores José Sarmento de Matos, Gonçalo Byrne, Francesc Muñoz, Mário Alves, Olivia Bina, Eduardo Brito-Henriques, e moderação de João Nunes.

1. Silva, A. V. (1941) *Os Limites de Lisboa*.

Lisboa: Minerva, p. 3.

2. Brito-Henriques, E. (2016) “Sem Limites”, in Costa, P. C., Pinto, E. C. (Ed.) *Sete Círculos*. Porto: Circo de Ideias, p. 216.

Circulando por Círculos Imperfeitos

Mário Alves

Numa altura em que as cidades ansiavam ser máquinas eficientes, as circulares estiveram na moda. Quase todas as grandes metrópoles têm uma ou várias – a M25 de Londres com quase 200 quilómetros é um círculo perfeito que demorou 11 anos a completar. Eram circulares construídas

para distribuir movimento e, dizia-se, para descongestionar o centro. Urbanistas sonharam com um limite entre a cidade e o campo. Políticos imaginaram obra e oportunidades de um dia cortar a fita. Automobilistas encantaram-se com a possibilidade de chegar mais depressa. (...)

Mas que mistérios encerram estes círculos? Precisamos de baixar de velocidade, ou mesmo parar, para poder olhar para eles. Will Self ganhou o hábito de caminhar do aeroporto ao hotel e, como tantos outros antes dele, percebeu que caminhar é um ato político. Observar com a lentidão do olhar. Neste caso, e mais uma vez, o fotógrafo parou e saiu do carro. Olhou e escolheu. Ao fazer estes simples gestos, lentos, transformou e deu réstias de sentido aos não-lugares que atravessamos todos os dias sem olhar. Obriga-nos a pensar estes palimpsestos de territórios que deixaram para trás muros, sinais de trânsito tombados, pináculos industriais incompreensíveis. Vivalma. Restos do um século passado à procura de um destino que teimará em aparecer. Até lá são povoados por *zombies* que por ali passam.

A voz de uma natureza domesticada e mais alguns artefactos

Olivia Bina

O quarto círculo é uma viagem maravilhosa. Leva-nos bem fundo até à nossa própria forma de entendermos o mundo à nossa volta. Ao lugar mais ou menos consciente das nossas crenças e valores. Talvez seja preciso procurar para encontrar uma lente capaz de traduzir as paisagens frequentemente “mutiladas” ou fragmentadas em qualquer coisa com a qual nos possamos relacionar, ou mesmo simpatizar. Talvez seja necessário irmos para além de um limite universalmente partilhado: o de comosvisões (*worldviews*) individuais. Eu aceitei esta viagem como um desafio para os meus próprios preconceitos e olhar(es)

CONFERÊNCIAS QUINTAS-FEIRAS 8, 15 DE SETEMBRO 2016 · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO

do mundo. Apelei a todos os sentidos e procurei beleza, compaixão e até mesmo dignidade. A dignidade da natureza e dos artefactos. A partir desta jornada de aventuras em torno do “círculo 4”, eu traçarei paralelos entre paisagens fragmentadas e conhecimento fragmentado, e explorarei as implicações das formas atuais de conhecimento em termos da capacidade que temos em moldar o nosso futuro e as nossas cidades.

Sem limites: a metrópole híbrida

Eduardo Brito-Henriques

Diz a ONU que mais de metade da população mundial já vive hoje em dia em áreas urbanas. Por meados deste século, serão provavelmente dois terços, ou seja mais de 7 mil milhões de pessoas em todo o mundo. Há um processo de urbanização generalizada em curso, e tudo indica que o horizonte da humanidade vai no caminho da urbanização plena. Curiosamente, ao mesmo tempo, a nossa estranheza diante do urbano parece não cessar de aumentar. A concentração humana nas cidades tem sido acompanhada por um refazer da própria ideia de cidade. Muitas das certezas que tínhamos sobre o que é o habitar na cidade estão a ser postas em causa e desfeitas. Globalização, revolução informacional e urbanização generalizada concorrem para a produção de uma realidade nova – a metrópole híbrida – onde muitas das fronteiras clássicas ou convencionais sobre as quais nos habituámos a pensar as categorias espaciais estão esbatidas. Na metrópole híbrida, são difusas, ténues, vagas as fronteiras entre a cidade e o campo, mas também entre o público e o privado, o próximo e o distante, o natural e o artificial, o real e o virtual. A experiência da urbanidade contemporânea é a estranheza do habitar neste lugar sem limites.

Pedro Campos Costa (Lisboa, 1972), sócio fundador da empresa Campos Costa Arquitetos desde 2007. Vencedor de diversos prémios – Fad 2015, por Arquinfad, A.prize 2012 Exposynergy pela Trienal de Milão, Gyeonggi International Ceramix Biennale, na Coreia do Sul, Prémio Valmor, Europe 40 under 40 2012 pelo Centro Europeu para a Arquitetura, Arte e Design, Next Generation, da Metropolis Magazine, Nova Iorque, entre outros. Tem sido professor e orador em diversas universidades e editor em diferentes revistas

de Arquitetura em Portugal e Itália. Em 2014, foi curador do Pavilhão Português na 14.ª Exposição Internacional de Arquitetura, La Biennale di Venezia, com o projeto *Homeland | News from Portugal*. Coautor com Nuno Louro em 2009 do Livro *Duas Linhas*.

Eduardo Costa Pinto (Lisboa, 1981), licenciado em Arquitetura Paisagista pelo Instituto Superior de Agronomia – Universidade de Lisboa, a sua atividade profissional teve início em 2007 e desde então tem colaborado com diversos *ateliers*, em Portugal e Itália, entre os quais, Margem – Arquitetura Paisagista, DIRECTA Urban Management, PROAP e Promontório Arquitetos e Campos Costa Arquitetos. Com o Centro di Architettura di Milano – ACMA – tem participado desde 2009, na qualidade de tutor, em vários seminários e *workshops*, integrado no Mestrado de Arquitetura Paisagista, desenvolvido em parceria com o Politécnico da Universidade da Catalunha (UPC).

Mário Alves (Luanda, Angola, 1963), especialista em Transportes e Mobilidade. É Engenheiro Civil pelo Instituto Superior Técnico, especialista em transportes e mobilidade com o grau de mestre pelo Imperial College London. Trabalhou no Centro de Sistemas Urbanos e Regionais da Universidade Técnica de Lisboa e no Centre for Transport Studies of the University of London como Investigador Associado. Os seus temas de investigação versaram a Modelação e Análise de Cadeias de Atividades, experiências em Preferência Declarada e métodos de inquérito para diários de viagem. Como consultor de transportes foi Coordenador Operacional do Plano de Mobilidade de Almada e vários projetos de mobilidade em centros históricos: foi coordenador do Plano de Mobilidade para o centro de Alcochete e Programa de Mobilidade e Transportes do Concelho de Abrantes.

Olivia Bina (Itália, 1968), investigadora no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e Professora Assistente Adjunta na GRM – Chinese University of Hong Kong. É licenciada em Ciências Políticas (Itália), realizou um mestrado em Ambiente e Desenvolvimento e um doutoramento em Geografia pela Universidade de Cambridge (Inglaterra). Na sua investigação, interessa-se por

noções de sustentabilidade e pela necessidade de definição de elementos chave para futuros sustentáveis, especialmente em contextos de expansão urbana. Participa em projetos que exploram o uso de previsões e cenários, tanto em relação com questões socioeconómicas (União Europeia 2050), como em termos de futuros urbanos (urbanização chinesa, 2050). As suas publicações mais recentes refletem sobre mudanças no discurso sobre desenvolvimento sustentável, aspetos críticos subjacentes ao crescimento “verde”, limites para o crescimento e noções de escassez.

Eduardo Brito-Henriques (Lisboa, 1969), Doutor em Geografia Humana. Professor Associado do IGOT – Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, e investigador efetivo do Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa. O urbano na modernidade avançada, assuntos relacionados com turismo, viagens e globalização, e património construído e cultura material das cidades, são as suas áreas de ensino e investigação mais regulares. Também se interessa pela história e teoria da Geografia. Foi Presidente da CCDD LVT e gestor do POR Lisboa (2012-14).

Carlos Delgado Pinto (Loulé, 1977), licenciado em Arquitetura (FAUL), Mestre em Urbanística e Gestão do Território (IST UL) e Pós-Graduado em Gestão de Empresas (Nova Business School, Lisboa). Desenvolve atividade de projeto de arquitetura e planeamento na empresa Inloki. É consultor no município de Loulé na área de planeamento estratégico para a cidade de Loulé.